

Editorial

MAIS DO MESMO

Esperava-se para ontem a lista final de ministros que irão compor o governo da presidente eleita, Dilma Rousseff. Pelo que já foi dado ao conhecimento público, mais o que permanecia nas cogitações, o que vem por aí não deve surpreender: será um pouco mais do mesmo.

Desde que foi eleita, a presidente praticamente se recolheu para cuidar da transição e do ministério. A tarefa não parece ter-lhe sido penosa, uma vez que contou com a ajuda do presidente Lula, que conseguiu emplacar a maioria das indicações, mais até do que ela própria.

Não deveria ser diferente. Afinal de contas, trata-se de um governo que vai dar continuidade a outro, sendo que este é considerado como o mais bem-sucedido da história do Brasil, a julgar pela satisfação da opinião pública, avaliada ao longo de todo o período.

Sendo assim, o que foi colocado para a presidente, e ela o aceitou incontinenti assim que assumiu a candidatura, é que o país não precisa de mudanças a fazer, a não ser seguir o mesmo receituário, tendo em vista obter melhorias até conseguir a excelência.

O governo petista foi bem-sucedido, é inegável, e sua continuidade constitui uma garantia de que seguirá nessa marcha. Isso, no entanto, não o livra de ter de enfrentar outros desafios, conhecidos e desconhecidos, colocados por outras circunstâncias e realidades.

O ideal é que haja alternância de poder. O domínio do poder por um mesmo partido leva à sedimentação da administração e até da sociedade. Pelas indicações que fez, a presidente mostra em que áreas pretende atuar. Algumas delas são as que mais pedem mudanças.

Antes assim, porque, nas demais, se o titular não foi mantido, trocou de posição ou o posto será ocupado por um quadro antigo. Além, é claro, daqueles nomes que fazem parte da cota dos partidos que participaram da aliança montada para vencer as eleições.

O ministério é certamente testado, mas poderia ser menos burocrático e mais imaginoso. Enfim...

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Teodomiro Braga
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL
Leandro Figueiredo

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Waldir Prado

GERENTE DE MARKETING
Alessandra Soares

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTA DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Aline de Almeida Reskalla

EDITORES

Primeira Página: Robert Wagner
Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Política: Carla Kreeft
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo: Carla Chein
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Carla Alves
Fotografia: Leonardo Lara

O.PINIÃO

Duke

TÁ VENDENDO
AQUELE MINISTÉRIO
COM POLPUDAS
VERBAS ALI?
TÔ PEGANDO!!!



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Há que humanizar os seres humanos (como sou sonhadora)

Heleieth inaugurou o feminismo contemporâneo no Brasil

Deixou-nos em 13.12.2010 um ícone do feminismo: Heleieth Saffioti (1934-2010), socióloga, autora de “A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade” (1969), algo como a pedra inaugural do feminismo contemporâneo no Brasil. Não consegui ir ao seu enterro e lamentei que ela não realizou três desejos: acariciar o meu cavalo Taj Mahal, banhar-se na cachoeira de Lea Melo e conhecer minha neta Maria Clara.

Tiete dela, eu a conheci na fundação da União Brasileira de Mulheres (UBM), em Salvador, em 1988, onde, numa fala memorável, ela, encarnadamente, aprontou poucas e boas! Nem lembro direito. Ela era contra a licença-maternidade, de 120 dias. Prometo recuperar a história com Ana Maria Rocha. Em 1994, nas preparatórias da IV Conferência Mundial sobre a Mulher (Beijing, 1995), ficamos amigas.

Morávamos em Sampa. Meu filho Arthur era pequeno e ela adorava seus “olhos de jabuticabas”. E o entupia de refrigerante: “Pode pedir, Arthur, estou pagando!” Eu raramente dava refrigerante pra minhas crianças. Ela achava um absurdo! Depois que voltei para Beagá (1995), quando ia a Sampa, ela fazia um lauto e refinado jantar em seu bellissimo apartamento na praça da República. Bebíamos Miolo Seleção até alta madrugada. Conversávamos muito por telefone e por e-mail.

Ela achava o máximo de coragem eu ter três filhas e dois filhos. Um dia, indagando pela menina, respondi: “A Maria ainda mora no Rio; a Débora, em Porto Alegre; a Livia e o Gabriel, em Imperatriz. Comigo, só o Arthur”. Gargalhando, retrucou: “Meniiiiiiiiina, você

povoou o Brasil!” Em 5 de março de 2008, recebi um poema dela:

“(…) Nossa! Como somos iguais, irmã de ideias! Não foi preciso nascermos irmãs, nos tornamos irmãs! Quantas diferenças cultivadas no fértil terreno da igualdade! Que a humanidade entenda nossa proposta e irmane-se a nós: juntos, construiremos a sociedade igualitária, tornando possível maior felicidade para homens e mulheres, minando o campo do desencontro homem-mulher e procurando propiciar o encontro amoroso entre estes seres hu-

Eu a conheci em Salvador, em 1988, onde aprontou poucas e boas! Ela era contra a licença-maternidade de 120 dias

manos./ Há que humanizar os seres humanos. Como sou sonhadora! Nesta idade, pensando que ainda tenho fôlego para essa gigantesca empreitada./ Dividamos o trabalho./ Você, que é mais jovem, responsabiliza-se por 99% da tarefa. / Eu, já passada em anos, tentarei dar conta dos 1% restante./ De acordo?” [Íntegra: www.limacoeelho.jor.br/vitrine/ler.php?id=4550 (“Minha querida irmã Fátima”: Heleieth Lara Bongiovani Saffioti)].

Numa viagem a João Pessoa (13º Encontro Nacional Feminista, 2000), em São Paulo, ela arrumou tanta confusão no avião que conseguiu sentar ao lado

da “feministinha”. Era Livia, minha filha! E danou-se a mandar que ela pedisse vinho, vinho e mais vinho! Para quem? “Quer um travesseirinho e um cobertor da Varig?” “Ah, querer eu quero, mas a gente não pode levar!” E ela toda arteira: “Não conte pra sua mãe!” E, zap!, na frente da aeromoça, colocou numa bolsa um travesseiro e um cobertor: “Ah, já sou velha, posso levar. Ninguém vai me mandar abrir a bolsa!”.

Desfazíamos as malas no quarto do hotel quando ela bateu à porta. Os “presentes” da Livia, em cima da cama. E, quando ela pousou os olhos neles, eu disse: “Mas Heleieth...”. “Não tenho nada a ver com isso que você está pensando. A Livia está de prova que eu os guardei na frente da aeromoça. Como ela não disse nada, até riu, nós trouxemos, não foi Livia? Espero que tenha dito a verdade para sua mãe!”. Era pra rir. E rimos tanto que fomos às lágrimas.

DUKE

